



A CIVILIZAÇÃO FRANCESA

Professor: Pedro Paulo de Sena Madureira

Monitora: Beatriz Cossermelli

Sala: Verde

Aula 9 – O governo Léon Blum - 27/3/2012

O Existencialismo

No século 20, surgiu a corrente artístico-filosófica que mais influência exerceu no mundo até os anos 1960, o Existencialismo. Desde o Iluminismo, não havia ocorrido um movimento com tamanha potencialidade e força de influência na Europa. O Existencialismo francês, que teve na figura de Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty seus grandes luminares, se desenvolveu como consequência da filosofia de Martin Heidegger e Edmund Husserl. Junto de Husserl, grande fenomenólogo alemão do século 20, Heidegger criou o conceito do ser em circunstância, o *dasein*. O ser filosófico passou a ser não mais apenas o *sein*, o ser em si, mas o ser no *da*, no aqui e agora, inserido na história. Em seu célebre discurso quando da tomada de posse do reitorado da Universidade de Friburgo, no sul da Alemanha, Heidegger manipulou sua reflexão de modo a indicar o verdadeiro *dasein* como sendo a Alemanha, país que deveria servir de exemplo de pureza intelectual, saber e do modo mais exemplar de pensar para o resto do mundo. Segundo ele, existiriam apenas dois idiomas dignos da filosofia, o grego e o alemão. A partir dos anos 1930, a obra de Heidegger foi traduzida para o francês e lançada pela editora Gallimard, de modo que exerceu grande influência sobre a filosofia francesa.

Jean-Paul Sartre

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris em 1905, e descendeu pelo lado materno de família da região da Alsácia, de origem germânica. Do lado paterno, era filho de Jean-Baptiste Sartre, irmão do grande benfeitor da humanidade, Albert Schweitzer. Tanto Sartre como Merleau-Ponty estudaram a obra de Heidegger no idioma original e transformaram suas noções de ser (*dasein*) e de existência (*ek-sistence*) em condição primordial para o pensamento crítico. Em suas duas primeiras obras, no romance *A Náusea* (1938) e nos contos de *O Muro* (1939), Sartre colocou o tédio e o enjoamento como forma de resistência à situação vigente da Europa e da França. Trata-se de um retrato do indivíduo aniquilado pelas circunstâncias, mas que subsiste, ainda, graças ao tédio. Em 1943, Sartre publicou o livro fundamental da filosofia existencialista francesa, o tratado filosófico *O ser e o nada*. A obra foi uma tentativa de sistematizar o Existencialismo do ponto de vista estritamente filosófico, desvinculando-se da filosofia de Heidegger.

O Governo de Léon Blum

Em 1936, Léon Blum foi eleito o primeiro presidente socialista, judeu proveniente da alta burguesia parisiense que liderou o *Front Populaire*. Os intelectuais franceses ficaram deslumbrados com a ilusão de uma nova França, enquanto a Itália vivia sob jugo de Mussolini, a Alemanha de Hitler, a Espanha de Franco, a URSS de Stalin e Portugal de

Salazar. Pela primeira vez, foram propostas as férias remuneradas ao operariado, enquanto os sábados foram retirados através da promulgação das 40 horas semanais de trabalho. Enquanto as potências europeias discutiam as correntes do comunismo e do nazismo, a França mostrou, com o governo de Léon Blum, que era possível garantir os direitos dos trabalhadores dentro de um sistema de propriedade privada, sem ter de desapropriar. À burguesia, as mudanças instaladas representaram o incômodo total, pois diante das circunstâncias em que se encontrava a França, o programa não convinha. Num total de três mandatos, Léon Blum resistiu apenas três anos no poder.

Albert Camus

A França existencialista assistiu, ainda, ao surgimento do grande escritor e filósofo Albert Camus. Proveniente da Argélia, transferiu-se para Paris no final dos anos 1930 a fim de continuar seus estudos filosóficos. Seu professor na Argélia, Pascal Pia, já mantinha estreita relação com os jovens intelectuais parisienses, de modo que Camus foi muito bem recebido na França. Seu primeiro romance, *O Estrangeiro* (1942), obteve sucesso imediato. Camus foi homem de independência de pensamento, não tendo se vinculado em vida a nenhuma corrente política ou filosófica. Seu rompimento com Sartre deu-se justamente devido a essa sua característica, tendo Sartre exigido dele que se posicionasse nitidamente do ponto de vista ideológico. Ainda no ano de 1942, publicou o ensaio *O Mito de Sísifo*, onde expôs, através da figura mitológica de Sísifo, suas inquietações íntimas enquanto artista e intelectual. Em 1947, publicou *A Peste*, sua grande obra-prima, romance no qual expôs os horrores de uma cidade tomada pela peste bubônica, uma metáfora da colonização francesa na Argélia. *A Queda*, obra publicada em 1956, representou a desilusão absoluta, uma espécie de retomada de *O Estrangeiro*. O romance se estabelece em torno de uma personagem central que não tem nome, homem que se senta em uma mesa de bar em Amsterdam e começa a relatar para um interlocutor, também sem nome, suas desilusões com tudo, todos e, principalmente, consigo mesmo. *A Queda* foi publicada quase que simultaneamente ao esmagamento da Hungria pela URSS, fato que representa para os franceses a desilusão total com o comunismo.

Já tendo desempenhado vigorosa atividade política na Argélia, Camus se dedicou, na França, à tarefa quase impossível de divulgar ideias que eram, ao mesmo tempo, contra a direita e a esquerda política francesa, na revista fundada por ele próprio, juntamente com o jornalista Jean-Jacques Servan-Schreiber, *L'Express*. Publicaria, além disso, até os anos 1950, artigos no jornal fundado na Argélia, levado por ele a Paris, *Combat*. Morreu de maneira trágica em acidente de automóvel aos 46 anos de idade, em 1960. Foi vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1957, prêmio recusado por Sartre em 1964.

O Nouveau Roman

Paralelamente ao Existencialismo, desenvolveu-se na França o movimento de alto nível literário do *nouveau roman*, do qual participaram Nathalie Sarraute, Marguerite Duras, Alain Robbe-Grillet, entre outros. Esses autores procuraram levar para dentro da obra literária a dissolução do indivíduo. O que, na obra de Sartre, representava o tédio e, na obra de Camus, a força alienante da Natureza, no *nouveau roman* representou a dissolução total

das personagens, que são aniquiladas. Com *Tropisme* (1939), romance de Nathalie Sarraute, o gênero foi levado a sua perfeição. Leituras de difícil assimilação, as obras do *nouveau roman* são, em geral, de curta extensão. Trata-se de um estilo de romance em que a personagem é o próprio texto. Sarraute publicou, ainda, *Enfance* (1983), um livro de memórias, forma exatamente oposta ao *nouveau roman*, uma vez que baseado em memórias individuais.

Marguerite Yourcenar

Marguerite Yourcenar foi um caso à parte na literatura francesa. De origem belga e aristocrática (seu nome verdadeiro era Marguerite Cleenewerck de Crayencour), deixou a França em 1939 para mudar-se para os Estados Unidos na companhia de sua tradutora e amante, Grace Frick. Desenvolveu, assim, um estilo literário independente da movimentação política e social que ocorria na Europa. Seus dois grandes romances foram *Memórias de Adriano* (1951) e *A Obra ao Negro* (1968). Além disso, vale destaque seu livro de memórias em três volumes e *Golpe de Misericórdia*, narrativa em que um pianista homossexual conta a sua esposa, através de uma carta, que a deixou para assumir sua identidade sexual. Yourcenar foi a primeira mulher eleita para a Academia Francesa de Letras, em 1980.

Sugestão de Leitura:

- ❖ SARRAUTE, Nathalie. *Enfance*. Folio France, 1985.
- ❖ YOURCENAR, Marguerite. *Golpe de Misericórdia*. Nova Fronteira, 1982.

Sugestão de Filme:

- ❖ *L'année dernière à Marienbad* (Alain Resnais, 1961)

Observação: *Este relatório foi preparado pela monitora do curso, uma estudante universitária, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*